

Franklin Martins



Brigas no quintal de FH

O presidente Fernando Henrique Cardoso passou os últimos dias às voltas com dois problemas delicados envolvendo integrantes de sua equipe de Governo. O primeiro, o dos ataques lançados pelo ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes ao ministro do Planejamento, José Serra. O segundo, o das trombadas entre o ministro da Saúde, Adib Jatene, e a área econômica. Jatene veio a público dizer que "é infritável" e que não abandonará sua cruzada por mais recursos para a Saúde.

Fernando Henrique ficou irritadíssimo com o tom das críticas de Ciro a Serra. O tucano cearense acusou o tucano paulista de fazer o jogo da indústria automobilística de seu estado e deixou no ar insinuações que ferem a honra do ministro, sem qualquer fato a sustentá-las. O presidente não pretende entrar na briga, mas avalia que Ciro passou dos limites. Para ele, o tucano cearense, hoje fazendo um curso de pós-graduação na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, simplesmente perdeu as estribeiras. Está chutando o pau da barraca para aparecer.

Fernando Henrique não concorda nem um pouco, porém, com as críticas que Ciro vem sofrendo pela imprensa, que o apontam como o responsável por diversos erros de condução no Plano Real, entre os quais a negociação de alíquotas de automóveis com a Argentina, no quadro do Mercosul, e a redução abrupta de tarifas de importação. Para o presidente, é uma injustiça apontar Ciro como o vilão das dificuldades na balança comercial brasileira nos últimos meses. A assessores, disse que melhor do que procurar individualizar os culpados é se esforçar para entender as circunstâncias em que determinadas opções foram feitas.

Fernando Henrique lembra que, durante a gestão de Ciro à frente do Ministério da Fazenda ainda não havia ocorrido a crise mexicana, que deixou evidentes os riscos de uma abertura econômica indiscriminada e abrupta. Além disso, Ciro assumiu o comando da equipe econômica num momento político muito delicado. Fernando Henrique, na reta final da campanha para presidente da República, não podia acompanhar de perto todas as tomadas de decisão. Itamar, já em contagem regressiva para deixar o Palácio do Planalto, evitava ao máximo meter-se na montagem da arquitetura de um plano que efetiva-

mente iria ser tocado por seu sucessor. Por último, Ciro não tomou as decisões solitariamente, mas amparado por recomendações dos integrantes da equipe econômica. Não pode ser crucificado, portanto. Mas, nem por isso, tem o direito de agredir Serra, na opinião do presidente. Se telefonar para Fernando Henrique, ouvirá exatamente isso. A ênfase estará na reprimenda, mais do que na compreensão.

Serra está precisando apelar para todas as suas reservas de paciência para não responder ao ex-governador do Ceará no mesmo tom. Até sexta-feira à noite, vinha conseguindo resistir à vontade de mandar bala no seu desafeto. Foi aconselhado a se manter quieto para não engrossar muito um bate-boca que não interessa nem um pouco ao Governo, no momento em que ele terá de operar a delicada tarefa de desindexar a economia.

Quanto ao confronto entre Jatene, de um lado, e a equipe econômica, de outro, Fernando Henrique, formalmente, está neutro. Jatene está movendo céus e terras para convencer o Congresso a aprovar a volta do IPMF, o imposto sobre o cheque, para financiar as despesas da Saúde. Os ministros Pedro Malan e José Serra são contra, alegando que a vinculação de impostos a determinadas despesas ferem a filosofia tributária do Governo. Embora neutro na disputa, Fernando Henrique não ficará nem um pouco chateado se Jatene for bem sucedido. Segundo estimativas em seu poder, isso significaria uma injeção de cerca de R\$ 5 bilhões anuais no setor. O presidente está desconfiado que o ministro da Saúde, que está se revelando um craque no corpo-a-corpo com o Congresso e a mídia, vai acabar ganhando a queda-de-braço com a área econômica.

Se isso ocorrer, Jatene pode ir se preparando para ser muito cobrado pelo presidente. Fernando Henrique não discute a necessidade de mais recursos para a Saúde, mas está convencido que é preciso muito mais do que dinheiro para dar um jeito no setor. Ele lembra que, nos últimos anos, dobraram os recursos orçamentários destinados à Saúde, mas o atendimento médico-hospitalar não melhorou. Os mecanismos de controle da aplicação das verbas são precaríssimos e chegam as denúncias de que hospitais e ambulatórios privados estão metidos em maracutaias. O presidente quer ver o ministro tomando providências para que o ralo seja tapado.